

A DUPLA FACE DO DISPÊNDIO

entre a economia geral e a ecologia decolonial no antropoceno

THE DUAL NATURE OF EXPENDITURE

between general economics and decolonial ecology in the anthropocene

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i1.52556>

Bárbara de Barros Fonseca

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/2312212303019979>

<https://orcid.org/0000-0002-5619-1606>

aburbura@gmail.com

Possui graduação em Filosofia nas habilitações licenciatura e bacharelado pela Universidade de Brasília (2013) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (2016). Atualmente é doutoranda em Filosofia pela Universidade de Brasília e professora EBTT de Filosofia no Instituto Federal de Brasília - IFB. É integrante do grupo de pesquisa Anarchai - metafísica e política contemporâneas, foi coordenadora no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e membro do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) do IFB - campus Recanto das Emas.

RESUMO

Esse artigo é uma extensão da comunicação realizada no II Encontro de Pós-Graduação em Filosofia da UnB, e nele será apresentado um conceito primordial no pensamento de Georges Bataille: o dispêndio. Primeiramente, analisaremos sua construção ontológica, pautada em noções como excesso e o dispêndio, numa compreensão do mundo marcada pelo transbordamento. Após essa apresentação, realizaremos uma incursão na influência da termodinâmica na conceituação da economia geral, e sua crítica como auxílio à crítica da utilidade clássica. Elaboraremos a relação do dispêndio com os conceitos de economia restrita e economia geral, finalizando com uma sinalização de outras compreensões do dispêndio. Com o auxílio da ideia de ecologia decolonial, iremos ressaltar como a noção de dispêndio pode nos ajudar a fomentar novas perspectivas de organização social e econômica, com uma crítica à lógica da produção, aquisição e acumulação: uma economia que opere com o dispêndio além do limite da utilidade.

Palavras-chave: Excesso. Economia geral. Economia restrita. Ecologia decolonial. Georges Bataille.

ABSTRACT

This article is an extension of the presentation given at the II Graduate Meeting in Philosophy at UnB, focusing on the central concept in Georges Bataille's thought: expenditure. Initially, we examine its ontological foundation, based on notions such as excess and expenditure, within a comprehension of the world characterized by overflow. Then, we explore the influence of thermodynamics on the conception of general economy, and its critique as a tool to question utility. We investigate the relationship between expenditure and the concepts of restricted economy and general economy, concluding with an indication of other interpretations of expenditure. Utilizing the idea of decolonial ecology, we highlight how the concept of expenditure can offer new perspectives for social and economic organization, critiquing the logic of production, acquisition, and accumulation and advocating for an economy that transcends the limits of utility.

Keywords: Excess. General economy. Restricted economy. Decolonial ecology. Georges Bataille.

Introdução

Iluminadas pelo trabalho especulativo realizado por Bataille em relação ao manejo energético no globo, pretendemos seguir o caminho proposto no livro *A Parte maldita* para pensar a questão da movimentação da energia na Terra entre a *economia geral* e as economias restritas, tendo como principal exemplo de economia restrita aquilo que compreendemos como o antropoceno, e a ecologia decolonial como uma possibilidade de desvio dessa economia restrita.

Bataille, nesse esboço de uma história universal (Piel, 2013a), se dedicou à interpretação dos acontecimentos a partir do prisma do excesso, dando origem aos imbricados conceitos de *economia geral* e economia restrita. Deste modo, ele perpassa a história das sociedades especulando o manejo do excesso que cada uma operava, e como as mudanças de sistemas ocorriam a partir de diferentes usos do excedente (tanto material como energético, humano ou inumano). Para ele, empreender esse ambicioso trabalho de economia numa história universal implica colocar em jogo visões dinâmicas que levam a totalidade do mundo em consideração, e não apenas isoladas, como as ciências majoritariamente realizam hoje.

À pena da traição epistemológica – as especulações batailleanas não seguiam estritamente um rigor metodológico – tentaremos, em primeiro lugar, tecer as relações entre a termodinâmica e o dispêndio – a parte maldita –, Bataille teve essa forte influência teórica do físico George Ambrosino, responsável pela virada energética em seu pensamento. Contudo, pelo caráter lacunar e a presença constante do espectro do não-saber ao longo de sua obra (Bataille, 2024), Bataille não se compromete explicitamente com o discurso científico.

Como ele expressa no artigo *Informe*, o discurso teórico científico opera como um redingote matemático no universo (Bataille, 2018), tentando domá-lo numa forma, acomodá-lo numa rede compreensível de significados. Ou seja, uma submissão do universo ao discurso da física e da

matemática implicaria numa visão que é contrária ao pensamento disruptivo batailleano, que é excessivo e transborda às conceituações.

Todavia, é exatamente esse apelo que a termodinâmica traz para a obra batailleana. Insurgindo como uma ciência que afronta a previsibilidade da mecânica newtoniana, a termodinâmica traz para o discurso científico justamente uma parte maldita: a energia que sobra, que não pode ser transformada em trabalho, que é insubmissa à utilidade. Desta maneira, o dispêndio resplandece mesmo dentro de um discurso que, à primeira vista, visa extirpar qualquer vestígio de parte maldita.

A termodinâmica resplandeceria também nos próprios seres humanos, de acordo com Mong-Hy. Contudo, toda a tecitura que conecta o excesso com o desenvolvimento da vida, nas conversões entre ontologia, física e biologia, não serão esmiuçadas nesse artigo, dada a extensão desse debate.¹

Após nos demorarmos nas origens da questão energética da parte maldita, tentaremos esboçar um projeto de uma espécie de *A Parte Maldita* 2. Com isso, pretendemos empreender a proposta batailleana de como o dispêndio improdutivo apareceria hoje, quais seriam os modos de expressão da parte maldita no âmbito geral do globo terrestre.

Nossa intuição é a de pensar como o antropoceno, entendido como esse momento em que o humano aparece como força geológica, acarreta uma mudança de época geológica por conta das marcas indeléveis que imprimiu no globo. Tais mudanças climáticas e ambientais provocaram inúmeras destruições de ecossistemas, e estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo e ao colonialismo. Não há espaço hábil para a revisão da enorme literatura desenvolvida em torno do conceito.

Pretendemos demonstrar, de maneira sucinta, como o antropoceno pode ser entendido enquanto uma economia restrita pela maneira que

¹ Esse debate pode ser encontrado tanto em *O Erotismo* como em *A Parte Maldita*. Contudo, pela maneira batailleana de expor seu pensamento, não apresenta o rigor científico que a academia demanda atualmente.

o uso do excedente foi (e é) utilizado no seu escopo – em que o *anthropos* se refere a uma organização moderna ocidental. Desta maneira, podemos entender como o antropoceno foi “constituído” a partir de um uso determinado da energia disponível no globo, de um uso, como diria Bataille, catastrófico.

Assim, para pensarmos o excesso, o dispêndio e a parte maldita na contemporaneidade, seguindo os planos batailleanos presentes no livro *A Parte Maldita*, tentaremos, no final, esboçar uma possibilidade de uma economia restrita que se esquite da organização capitalista que sustenta e perpetua a economia restrita do antropoceno.

Em relação a isso, é importante ressaltar que essa compreensão do antropoceno não corresponde meramente ao regime capitalista como entendemos hoje, mas a toda uma organização de mundo pautada no Capital. Essa compreensão se refere a uma centralidade no desenvolvimento das forças produtivas que afetaram diretamente as ecologias do mundo. Logo, essa organização não pode ser pensada de maneira dicotômica entre capitalismo x socialismo, mas deve se apontar que a construção de ambos os regimes se deu a partir de uma relação predatória com o mundo que se desenvolve desde o período colonial. Como nos diz Bataille, “o comunismo soviético se fechou decididamente ao princípio do dispêndio improdutivo.” (Bataille, 2013a, p. 143)

Pretendemos, ao fim do artigo, mostrar como poderíamos esboçar uma alternativa à economia restrita do antropoceno a partir de uma ecologia decolonial. A leitura da *economia geral* enquanto ecologia já foi elaborada por diversos autores contemporâneos^{II}, principalmente pelo prisma da importância da dinâmica energética na constituição da vida no globo e nas relações constituídas por seus viventes.

II Conferir François Warin, *Champs de foudre; À propos d'écologie: Nietzsche, Bataille et les autres*; Henry Dicks, *Bataille et la crise écologique; L'économie générale et l'oubli de l'être*; em *La Part Maudite*, de Georges Bataille, *La dépense et l'excès* (2015) e Peter Szendy, *Ecologia e economia geral em Os Mil nomes de Gaia – do Antropoceno à Idade da Terra* (2022).

Enfatizamos que o dispêndio não se refere a um gasto, nem a um desgaste ecológico. Contrariamente, ele diz respeito ao caráter excessivo da natureza que não é submetido à utilidade, em que se goza a parte maldita através de uma efervescência violenta que escapa à apropriação do capitalismo. O dispêndio é, portanto, entendido como forma de confrontação à organização capitalista^{III}.

A ecologia decolonial emerge como uma proposta de um manejo energético diferente, que pela ótica batailleana pode ser entendido como uma maneira de lidar com o dispêndio em que este não é submetido à supremacia da utilidade – e, portanto, do capital. Nossa proposta é a de entender a ecologia decolonial como uma expressão do excesso – da *economia geral* – em uma economia restrita. A ecologia decolonial dá vazão ao excesso energético sem perpetrar uma tentativa de subjugar-lo completamente para a manutenção do sistema. Nela, o excesso pode perseguir sua realização inútil.

Bataille e a parte maldita da ontologia

Quando Georges Bataille relata, no início de seu livro lançado em 1949 com o curioso título de “*A Parte Maldita*”, o espanto que tomava a todos ao contar que passara os últimos anos escrevendo um livro de economia política, podemos facilmente nos identificar com essas pessoas estupefatas. De fato, uma das últimas coisas que nos vem à cabeça quando pensamos nos escritos de Georges Bataille é um trabalho sobre economia.

Conhecido por seus trabalhos que versam sobre o erotismo, a literatura maldita, o sacrifício, a inutilidade e outras vilezas, o pensamento batailleano remete ao pensamento do excesso: uma obra assistemática, prenhe das conflitantes influências de Nietzsche e Hegel, que se coloca

III Conferir artigo *A maldição do dispêndio: Bataille e as economias restritas*, de Bárbara de Barros Fonseca. DOI: <https://doi.org/10.26512/dasquestoes.v17i1.51458>.

como uma lâmina contra o antropocentrismo. Seu pensamento subversivo exerce um trabalho de sacrifício do sentido, em que a própria linguagem soçobra e o leva a uma aporética recusa do discurso filosófico. Esse lugar intricado em que se encontra Bataille é assim retratado por Robert Sasso, pensador que se demora sobre a ontologia batailleana:

Maintenir la pensée ouverte à une interrogation totale et désemparée, qui prend place là où le philosophe anule pour être, tel est, dès lors, le projet de Bataille. Pensée d'un impensé systématique qui relance la question de ce qui est au moment et lieu où le savoir se fermant dans le cercle philosophique laisse apparaître le champ du non-savoir (Sasso, 1978, p. 32)^{IV}.

Essa característica ímpar de sua obra o situa numa posição singular: ao mesmo tempo relegado enquanto um pensador maldito, que vagueia pelas margens da filosofia, Bataille também insurge como uma grande influência para uma geração de pensadores como Michel Foucault (que chega a afirmar que Bataille seria um dos pensadores mais importantes do século)^V, Gilles Deleuze, Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot, Giorgio Agamben^{VI}, dentre outros.

A marca indelével do impossível é salientada por Jacques Derrida, destacando o caráter *sui generis* da obra batailleana. Ele se indaga e formula sobre o lugar do hegelianismo e da negatividade em Bataille, do riso

IV “O projeto de Bataille é manter o pensamento aberto a um questionamento total e desnorteado, que ocorre onde o filósofo se anula para ser. O pensamento de um não-pensamento sistemático que reabre a questão do que é no momento e no lugar em que o conhecimento se fecha no círculo filosófico, permitindo o surgimento do campo do não-conhecimento. O pensamento de um não-pensamento sistemático que reabre a questão do que é no momento e no lugar em que o conhecimento se fecha no círculo filosófico, permitindo que o campo do não-saber apareça” (tradução nossa).
V “*On le sait aujourd'hui: Bataille est un des écrivains les plus importants de son siècle*” (Foucault in Bataille, O.C., I, p. 5). “Hoje nós sabemos: Bataille é um dos escritores mais importantes de seu século” (radução nossa).

VI Os últimos três imersos numa importante discussão sobre a questão da comunidade, travada principalmente nos livros “*La communauté innouvable*” e “*La communauté désœuvrée*”.

e do trabalho numa economia da vida que nos apresenta a furtividade do instante. Como poderíamos pensar a soberania no pensamento de Bataille^{VII}, como pensar um dispêndio ser reserva que transborda a negatividade?

o impossível meditado por Bataille sempre terá esta forma: como, após ter esgotado o discurso da filosofia, inscrever no léxico e na sintaxe de uma língua, a nossa, que foi também a da filosofia, aquilo que excede, todavia, as oposições de conceitos dominadas por essa lógica comum? Necessário e impossível, esse excesso devia dobrar o discurso numa estranha contorção (Derrida, 2009, p. 369).

A tonalidade do excesso e do impossível permeia as temáticas pelas quais Bataille é mais conhecido: elaborando sobre o erotismo, Bataille o situa como a afirmação da vida até na morte (Bataille, 2013). O ponto nevrálgico do erotismo é a comunicação entre o ser descontínuo com a continuidade – essa que só é plenamente alcançada na morte. O sacrifício está constantemente presente em sua obra, assim como a prevalência do informe e o rasgamento da figura humana. Os signos da subversão batailleana abundam na teia do excesso.

Esse pensamento que emana um caráter anti-sistemático, tendo como atributo o transbordamento de si mesmo, nos leva à percepção de uma ontologia que entremeia a obra batailleana e que ostenta o excesso como signo maior. Essa tecitura ontológica dá origem às conexões inextricáveis entre os conceitos que sustentam o pensamento de Bataille: a continuidade, o sagrado, o erotismo, o informe, a soberania, o dispêndio.

É a partir do excesso que Bataille tenta compreender como o sujeito se conecta com o cosmos, tentando entender o contágio da comunicação. Na perspectiva do excesso, tudo se conecta. É sob a batuta do excesso que a energia solar se irradia, que a vida orgânica se desenvolve, que as sociedades se organizam e que a vida subjetiva se dá. O excesso

VII Em seu texto, Derrida trama relações entre Hegel e Bataille, conectando a questão da soberania à clássica dialética do senhor e do escravo.

coloca tudo em jogo e aniquila os bifurcação entre sujeito e natureza, ele prenuncia a insubordinação da matéria.

O excesso é marcado por um caráter incongruente: como falar sobre o que escapa ao discurso? Como pensar o que se evade da representação? Como encadear o que transborda as categorizações? Essas aporias são marcas do pensamento batailleano, são traços do impossível que é também excesso. Todavia, elas não impossibilitam as tentativas de flerte com o excesso, que infere numa compreensão ímpar sobre o que entendemos por sujeito, por natureza, e pelo cosmos.

Um movimento importante a ser considerado é a violenta conturbação da natureza, em que o fluxo entre morte e vida aniquilam incessantemente as descontinuidades. A virulência desse movimento assola qualquer primazia ontológica do ser humano, situando-o como um simples momento imerso na realização inútil do cosmos: ele deixa de ser a medida do universo. Com isso, Bataille desloca a ideia antropocêntrica de um ápice da vida na Terra pautado na existência humana, reduzindo-o a um ponto nesse grande e incessante processo de decomposição e criação.

Essa putrefação que gesta a insurgência do novo é assim abordada por Bataille:

[...] um movimento tumultuoso que evoca incessantemente a explosão. Mas a explosão incessante não cessando de esgotá-la, a vida só pode prosseguir sob uma condição: que os seres por ela engendrados, e cuja força de explosão esteja esgotada, cedam lugar a novos seres que entrem na roda com uma força nova (Bataille, 2013, p. 84).

A natureza – pensada aqui de acordo com uma bifurcação moderna – aparece ao mesmo tempo como um arrebatamento a se evitar, uma virulência que tudo destrói, um excesso do qual devemos nos resguardar, porém ainda assim suscitaria uma atração, partindo de uma reminiscência de um pertencimento.

Com um quê poético, Bataille resgata a continuidade presente na natureza, compreendida a partir desse movimento incessante de uma imanência orgânica. A partir daí, inferimos que por sua origem orgânica – e solar – os humanos comungam desse excesso. Para Bataille, tanto a reprodução como a morte têm origem num excesso luxurioso, sinalizando uma origem e um regresso a essa continuidade informe.

Resguardamos-nos do excesso nas mais diversas maneiras: criando interditos que atuam na organização das sociedades, estruturando a vida a partir das ideias de projeto e de futuro, preservando nossos corpos de situações periclitantes. Todavia, Bataille nota que o perigoso flerte dos seres humanos com situações que vão contra a preservação de suas integridades, da perpetuação da espécie e do *corpus social* e que não respondem a um princípio de utilidade são abundantes^{VIII}.

Sobre essa relação de desejo e perigo com a continuidade, Bataille nos diz que:

Há busca da continuidade, mas, em princípio, somente se a continuidade, que só a morte dos seres descontínuos estabeleceria definitivamente, não prevalecer. Trata-se de introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz (Bataille, 2013, p. 42).

Essa continuidade é marcada pelo dispêndio: a continuidade não é circunscrita pela utilidade, ela incita agências arrojadas que atentam contra uma segurança da descontinuidade. O êxtase, o riso, a embriaguez, o gozo são esses momentos de vulnerabilidade, de comunicação com o que nos transborda: onde as palavras nos faltam.

Um vislumbre sobre a confluência entre a continuidade, o excesso e o dispêndio já irradiam no pensamento batailleano. O sujeito é impensá-

VIII Bataille enumera algumas dessas situações em que o princípio de utilidade clássica é insuficiente, como a arte, os jogos, as festas e cultos em seu texto *A noção de dispêndio*, de 1933.

vel isolado da sua relação com o cosmos, e sua busca pela continuidade se dá pelo excesso que transborda em todas as instâncias.

Nous sommes ce mouvement de dilapidation: indication fondamentale pour interpréter à la fois l'ontique et l'ontologie présentes dans l'oeuvre de Bataille. [...] L'homme n'est à sa place dans l'univers que s'il ose mettre en jeu, en lui, l'être, c'est-à-dire, le jeu de perte infinie de l'être (Sasso, 1978, p. 176)^{IX}.

Essa concepção da natureza como dilapidação, como a exuberância do excesso que não responde aos desígnios humanos é aterradora, mas ao mesmo tempo nos impulsiona a uma outra maneira de pensar o mundo. E se, tirando o prisma antropocêntrico, pudéssemos confabular outros modos de habitar o mundo, conceber outra concepção de economia?

É a partir desse desvio do farol antropocêntrico que Bataille realiza sua revolução copernicana: ao invés de uma economia centrada na produção, Bataille defende que a centralidade da economia é o dispêndio. Essa formulação ocorre devido a sua compreensão da movimentação da energia do globo, energia que está sempre em excesso desde sua origem solar.

Compreendendo que tudo no globo é perpassado pelo excesso e pela energia advinda do sol, reafirmamos a presença ubíqua do dispêndio nos mais diversos domínios da existência, respondendo à realização inútil do universo.

La Nature est soumise à un « gaspillage s'intensifiant » et l'être particulier qui veut persévérer dans son être est ontologiquement dans la plus totale illusion. L'univers entier n'est que perte, dépense, dilapidation, et les besoins d'un particulier comme l'homme ne sont pas la mesure d'un

IX Nós somos esse movimento de dilapidação: uma indicação fundamental para interpretar de uma vez o ôntico e a ontologia presentes na obra de Bataille [...] O homem não tem lugar no universo a não ser que ouse colocar o ser em jogo, nele mesmo, o ser, ou seja, o jogo da perda infinita do ser (tradução nossa).

Univers où rien ne se perdrait, au contraire (Sasso, 1978, p. 172)^x.

É essa paisagem que leva Bataille à formulação da *economia geral* e das *economias restritas*. Partindo do princípio de que o organismo vivo possui mais energia do que o necessário para a manutenção da vida, Bataille (2013a) defende que essa energia excedente pode ser usada para o crescimento do sistema e que, quando esse excedente não pode mais ser absorvido, deve-se despendê-lo. Ele é perdido sem lucro, de maneira gloriosa ou catastrófica.

Logo, ele sustenta que o globo terrestre é repleto de riqueza e exuberância e que os problemas fundamentais são provenientes do luxo, e não da necessidade. Um cenário como esse nos parece incongruente e inverossímil, visto que é patente a concentração do luxo e o alastramento da necessidade. Um dos exemplos evidentes é como a fome, a miséria e a falta de condições básicas para uma vida digna assolam os países do sul global.

Economia geral, energia e termodinâmica

Uma questão que nos ajuda a entender a construção do conceito de *economia geral* a partir da noção de dispêndio é a relação que Bataille teve com George Ambrosino, pois foi após a aproximação e a troca intelectual entre os dois que a noção de energia surgiu, em 1934, na obra de Bataille, influenciando profundamente sua concepção do excesso.

Bataille e Ambrosino nutriram uma forte amizade que deu origem a uma extensa troca de cartas, que versavam sobre amizade, militância,

X A natureza está sujeita a um “desperdício intensificante” e o ser particular que deseja perseverar em seu ser está ontologicamente na mais total ilusão. O universo inteiro não é nada além de perda, dispêndio e dilapidação, e as necessidades de um indivíduo como o homem não são a medida de um universo onde nada é perdido, pelo contrário (tradução nossa).

concepções teóricas, comunismo, a bomba atômica, etc. Ambos frequentavam o mesmo meio intelectual/militante na França e se conheceram através de amigos em comum. Ambrosino foi partidário de Bataille no embate da *Contre-Attaque*, grupo do qual participavam figuras como Breton e que estava engajado na criação de novos mitos anti-fascistas. Tanto Bataille como Ambrosino compuseram a famigerada comunidade *Acéphale*, travestida de contornos nietzschianos e dionisíacos, no flerte com o sacrifício e o sagrado.

Foi a partir dessa amizade com o físico nuclear que Bataille entrou em contato com os insurgentes temas da física, como a teoria da relatividade geral, os novos desenvolvimentos da termodinâmica etc. A influência de Ambrosino no pensamento de Bataille é incontestável, e mesmo que houvessem divergências teóricas entre ambos, a introdução do conceito de energia no léxico batailliano foi responsável por uma reviravolta nas bases do pensamento do excesso.

[...] *cette ouverture épistémologique qui amènera Bataille d'une 'économie de l'univers' embryonnaire em 1933 à une 'économie générale', 'à la mesure de l'univers' em 1949 a été possible uniquement grâce au passage du paradigme matérialiste au paradigme énergétique* (Mong-Hy, 2010, p. 344)^{XI}.

Para compreendermos o que seria esse paradigma energético que afeta o pensamento batailleano, abordaremos sucintamente o que é entendido como termodinâmica. Não é nosso intuito problematizar as questões científicas, nem analisar a pertinência das conexões entre elas e a ontologia batailleana. Como dissemos anteriormente, o rigor científico não é um dos focos do pensamento batailleano, mas sim a especulação e aonde ela pode levar nosso pensamento.

XI Essa abertura epistemológica, que levaria Bataille de uma “economia do universo” embrionária em 1933 para uma “economia geral”, “à medida do universo” em 1949, só foi possível graças à passagem do paradigma materialista para o paradigma energético (Mong-Hy, 2010, p. 344).

Dito isso, a termodinâmica nasce na virada do século XVII para o século XIX, sendo a ciência das variações correlatas entre pressão, volume, composição química, temperatura e quantidade de calor. Ela se relaciona intrinsecamente com a compreensão das condições em que o calor pode produzir energia mecânica: o calor que é liberado pela combustão gera uma variação de volume, que conseqüentemente é capaz de criar um efeito mecânico. A partir daí, foram desenvolvidas máquinas térmicas que catapultaram a sociedade industrial.

A ciência do calor traz percalços teóricos que não são abarcados pelo modelo idealizado da dinâmica clássica: a famigerada variável da irreversibilidade, grande inimiga do universo newtoniano, é inescapável nessa nova compreensão energética. Nessa virada de paradigma, a noção de energia se transforma a partir da quebra com os parâmetros da reversibilidade. A compreensão do conceito de energia se torna mais intimamente conectada com os processos da natureza, dando vazão às transformações irreversíveis que ocorrem na natureza em seus rompan-tes de criação e destruição.

A ciência, que descreve as transformações da energia sob o signo da equivalência, deve, contudo, admitir que só a *diferença* pode ser produtora de efeitos, que sejam por sua vez diferenças. A conversão da energia não é mais que a *destruição* de uma diferença, a *criação* de uma outra diferença. Nesta perspectiva, a ciência da energia revela e dissimula ao mesmo tempo e sob formas tradicionais o poder da natureza. Antes do dispositivo experimental, onde a natureza produtora é dominada, submetida a uma equivalência preestabelecida, é preciso, para compreendê-la, evocar a fofalha crepitante das máquinas a vapor, a efervescência das transformações num reator químico, a vida e a morte dos indivíduos e das espécies, outras experimentações onde se expande o seu poder criador e destruidor (Prigogine; Stenger, 1984, p. 90).

Prigogine e Stengers evocam essa característica que resgata a termodinâmica para o mundo real, em que lidamos com transformações e

perdas a todo momento, nesse carrossel de vida e morte. A questão da perda foi de suma importância para os questionamentos da termodinâmica, tanto para a compreensão de processos da natureza como para a otimização do trabalho das máquinas térmicas. Essa “perda” encontra-se presente na formulação das leis da termodinâmica, onde podemos dizer que

As duas leis básicas da termodinâmica (1ª e 2ª) expressam com clareza alguns comportamentos importantes da natureza. A primeira lei corresponde ao princípio de conservação da energia. De forma mais ampla, estabelece que a energia do universo é constante. Considera, para isso, o calor como uma forma de energia. Quanto à segunda lei, ela expressa um princípio de evolução, estabelecendo o que Arthur Eddington chamou de “flecha do tempo”. A entropia do universo tende a um máximo. De forma primordial, esta lei exprime o caráter irreversível dos processos físicos naturais (Prigogine; Stenger, 1984, p. 25).

Um dos grandes incômodos da “época de ouro” das máquinas térmicas é uma lacuna em relação à eficiência das máquinas: o calor não era totalmente convertido em energia mecânica e sempre havia uma “perda”, uma quantidade de energia térmica que não podia ser tornada útil e se perdia.^{XII}

A questão da entropia extrapola a simples análise da produtividade de máquinas térmicas e se relaciona com a própria composição da vida orgânica e do cosmos. Georgescu-Roegen demonstra que todo organismo vivo busca manter constante a sua própria entropia, extraindo baixa

XII A entropia é a “grande vilã” da história, pois ela justamente foi formulada conceitualmente a partir da percepção da impossibilidade de se aumentar o rendimento da máquina térmica. As máquinas precisavam de um condensador para funcionar e, com ele, parte do calor não era transformado em calor no pistão, mas era sim transferido para fora da máquina. Ou seja, não existe a possibilidade de construção de uma máquina que transforme todo o calor em energia mecânica.

entropia do seu ambiente a fim de compensar seu próprio aumento de entropia (Georgescu-Roegen, 2013).

Um ponto crucial para pensarmos a amplitude da presença da entropia no cosmos é no fato de que tanto os seres vivos, como a construção dos ecossistemas e o próprio cosmos estão sempre às voltas com ela. A entropia está presente desde o movimento dos organismos heterótrofos que precisam constantemente de uma fonte energética com energia livre disponível para ser metabolizada até a entropia cósmica, onde – de acordo com a segunda lei da termodinâmica - o aumento da desordem no cosmos fatalmente levará a uma morte térmica do universo.

Com o “advento” da irreversibilidade, que se mostrou fundamental para a construção da termodinâmica, sabemos que a entropia de um sistema inteiro só pode aumentar. Isso nos leva à peculiar asserção de que a entropia de um sistema aumenta consideravelmente quando há vida na equação. Em termos de entropia, todo custo de empreendimento econômico ou biológico é maior que o do produto, e a energia presa é caoticamente dissipada.

De maneiras singulares, tanto a entropia como a noção de dispêndio são ferramentas críticas à supremacia da utilidade. Isso não significa que exista um vínculo direto sem mediações: a formulação batailliana da parte maldita e da noção de dispêndio tem características que escapam às formulações científicas. Todavia, por um determinado prisma toda entropia é também uma parte maldita.

A ponte entre entropia e o gasto improdutivo nos ajuda a pensar sobre os diferentes tipos de produção, de consumo e de gasto, além de colocar no radar a existência de uma dimensão da energia que não responde a nós. A indagação sobre o gasto e o dispêndio, sobre o que não pode ser aproveitado, encontra em Bataille um interlocutor privilegiado.

Podemos compreender que a inserção do conceito de energia – e da termodinâmica – se deu nos mais diversos âmbitos. Isso é perceptível em diversos campos do pensamento moderno e contemporâneo, e a própria noção de energia passou a ocupar um lugar que não é mais

restrito aos livros técnicos da física. Na leitura que Mong-Hy realiza de Bataille, a termodinâmica ocupa um lugar primordial. Para ele,

[...] *tous les mammifères, l'humain y compris, sont des machines thermodynamiques indirectement alimentées par l'énergie solaire. Nous sommes homo solaris autant qu'homo sapiens. L'énergie, d'origine solaire, est donc la base, le moyen et la fin de la production* (Mong-Hy, 2012, p. 50)^{XIII}.

O papel da energia solar é da maior importância para Bataille e é definitivo para sua compreensão da *economia geral*. O Sol insurge como o corpo cósmico responsável por essa abundância energética: ele dá sem pedir nada em retorno, o suprassumo da dádiva. A imagem solar deambula entre os escritos de Bataille, sendo representada e compreendida de diversas maneiras. Bataille nos lembra da representação clássica do Sol, o traço apolíneo que assimila o Sol ao que há de mais puro e elevado, a abstração que confere elevação de espírito, com a periculosidade dúbia que habita essa bola incandescente de fusão atômica. Pensando com ele, o papel peremptório do Sol é o desse ato de “sacrifício maior”: ele fornece sua energia a partir de seus raios e não recebe nada em retorno.

A transversalidade entre teoria científica e desenvolvimentos sociológicos que é trabalhada por Mong-Hy trabalha essa relação no pensamento de Bataille, como conexões entre a *economia geral* e ecologia. Segundo ele, pensando essa questão de uma transversalidade energética, “*ce que Bataille a donc réalisé à son tour, c'est une percée qui met à jour l'impact de la dynamique énergétique universelle sur les sociétés humaines*” (Mong-Hy, 2012, p. 36)^{XIV}.

Ou seja, a compreensão das mudanças de paradigma na ciência moderna nos auxilia a enxergar por um outro prisma a construção dos

XIII Todos os mamíferos, inclusive os seres humanos, são máquinas termodinâmicas alimentadas indiretamente pela energia solar. Somos *homo solaris* tanto quanto somos *homo sapiens*. A energia, de origem solar, é, portanto, a base, o meio e o fim da produção (tradução nossa).

XIV “O que Bataille conseguiu, por sua vez, foi um avanço que revela o impacto da dinâmica energética universal nas sociedades humanas” (tradução nossa).

conceitos bataillianos. A relação entre a questão energética e a questão econômica nos permite uma boa abordagem da relação entre a noção de dispêndio e os tipos de destruição perpetrados.

Mong-Hy entende que “*l’histoire de l’économie est l’histoire de la domestication et de la distribution d’énergie*” (2012, p. 19)^{XV}. As conversões energéticas são de suma importância para que possamos entender o encaideamento da energia e as manifestações do excesso. Quando pensamos no dispêndio na forma antropocentrada – como os jogos de azar – se torna um pouco difícil vislumbrar sua relação com a origem solar do excesso. Esse é um problema capital: compreender o que é o dispêndio – quais são os tipos dele – e suas relações com o excesso.

L’énergie devient un paradigme unificateur qui permet d’envisager sous une vision globale l’unité et la diversité des phénomènes naturels. Ce que Bataille appelle ‘la dépense’ d’énergie est dans la langage de la thermodynamique une conversion énergétique. Et l’‘économie générale’, de ce point de vue, est une théorie de ces conversions entre l’humain, la société et les mondes physicochimique et biologique: il s’agit pour Bataille de rapprocher très précisément la question anthropo-socio-économique du ‘problème général de la nature’.
(Mong-Hy, 2012, p. 35)^{XVI}

Aqui Mong-Hy assinala uma característica categórica da *economia geral*: para entendermos como o excesso atravessa o globo e constitui a *economia geral*, precisamos entender que existe uma dinâmica de conversão energética que possibilita que a energia advinda do excesso dos raios solares chegue até a consumação inútil de um delírio místico, uma pro-

XV “a história da economia é a história da domesticação e da distribuição de energia” (tradução nossa).

XVI A energia se torna um paradigma unificador que permite visualizar a unidade e a diversidade dos fenômenos naturais a partir de uma perspectiva global. O que Bataille chama de “gasto” de energia é, na linguagem da termodinâmica, uma conversão de energia. E a “*economia geral*”, desse ponto de vista, é uma teoria dessas conversões entre os seres humanos, a sociedade e os mundos físico-químico e biológico: para Bataille, trata-se de aproximar muito precisamente a questão antro-po-sócio-econômica do “problema geral da natureza” (tradução nossa).

dução artística ou uma orgia sagrada. Uma economia à medida do universo, como almejava Bataille, compõe essas relações entre domínios, agências e sujeitos, todos se relacionando sob a égide do excesso.

Uma crítica crucial é frequentemente colocada na mesa em relação à “exaltação” que Bataille faz do excesso: por mais que o excesso possua um estatuto ontológico e as conversões energéticas existam, como escapar da compreensão do excesso batailliano a partir do enfoque do excesso capitalista – louvado pelo capital e capaz da produção e da obsolescência programada?

O primeiro ponto concerne a um posicionamento crucial: Bataille não defende uma economia de abundância, em que a humanidade teria a sua disposição uma quantidade ilimitada de “recursos” naturais prontos para serem transformados em produtos consumidos a seu bel prazer. Ele não compartilha dessa perspectiva que é tanto ingênua como temerária, e que foi uma leitura comum durante diversos períodos da história humana. e que, com um viés antrópico, foram umas das responsáveis pelo advento das mudanças climáticas e a instauração do novo período geológico, o antropoceno^{XVII}.

Bataille não acredita que todo o excesso advindo do Sol poderia ser transformado em produção exuberante; é evidente que a natureza – despojada de seu caráter excessivo – compreendida como recursos naturais é limitada e não tem a capacidade de ser uma fonte pronta para suprir as necessidades produtivas da humanidade.

XVII Antropoceno é a designação proposta em 2000 por Crutzen e Stoermer, e que diz respeito a uma nova era geológica marcada pela transformação da nossa espécie numa importante força geofísica, capaz de alterar as condições bioquímicas do planeta. Existem algumas divergências na nomenclatura desse processo, a partir de leituras diferentes que dão enfoque em determinadas características, como o capitaloceno, o cthulhuceno, plantationoceno, negroceno e a intrusão de Gaia. A proposta da nova era geológica chamada antropoceno foi rejeitada pela União Internacional das Ciências geológicas por votação no primeiro semestre de 2024. Todavia, o conceito ainda é da maior importância para análise de diversos fenômenos em uma amplitude de áreas do conhecimento, das ciências humanas às ciências biológicas.

Essa querela energética da economia de abundância é também derivada de um clássico problema de conversão:

[...] *car, pour lui cette croyance en des ressources énergétiques infinies ne pouvait être que naïve et non-scientifique. Bien sûr, l'énergie du soleil est, elle, presque infiniment disponible, mais pas les fruits de sa métabolisation que sont les matières fossiles (pétrole, gaz, charbon, minerais) nécessaires à nos sociétés modernes* (Mong-Hy, 2012, p. 46)^{XVIII}.

Não dispomos à mão de todo esse excesso: a energia fornecida pelo Sol precisa ser convertida em uma energia que possa ser tornada útil para nós, transformada em algum processo, atividade ou produto. Pensando a partir de Bataille, além da energia que pode ser utilizada por nós existe sempre a energia que é compreendida como uma espécie de “parte maldita”, como o calor – energia térmica – que atinge um ponto em que não pode ser convertido em energia mecânica, transformado em trabalho.

A energia se apresenta sob dois estados qualitativamente diferentes, a saber, a energia *utilizável* ou *livre*, sobre a qual o homem pode exercer um domínio quase completo, e a energia *não utilizável* ou *presa*, que o homem não pode absolutamente usar (Georgescu-Roegen, 2012, p. 58).

Nossa proposta não é a de fazer uma conexão direta entre princípios da termodinâmica e os conceitos batailleanos, mas fomentar a especulação sobre as manifestações do dispêndio no cosmos. De maneiras singulares, tanto a entropia como a noção de dispêndio são ferramentas críticas à supremacia da utilidade. Porém, como já dissemos, através de determinadas lentes toda entropia é também uma parte maldita.

XVIII “[...] porque, para ele, essa crença em recursos energéticos infinitos só poderia ser ingênua e não científica. É claro que a energia do sol está disponível quase infinitamente, mas não os frutos de sua metabolização, ou seja, os combustíveis fósseis (petróleo, gás, carvão, minerais) necessários para nossas sociedades modernas” (tradução nossa).

A ponte entre entropia e o gasto improdutivo nos ajuda a pensar sobre os diferentes tipos de produção, de consumo e de gasto, além de colocar no radar a existência de uma dimensão da energia que não responde a nós. A indagação sobre o gasto e o dispêndio, sobre o que não pode ser aproveitado, encontra em Bataille um interlocutor privilegiado.

A Parte Maldita II – economia geral e ecologia decolonial

A crítica à utilidade que é característica da *economia geral* é determinante para pensarmos esse manejo energético que é realizado pelas economias restritas. A nossa perspectiva não é a de um decalque da *economia geral* no globo, ou de que a *economia geral* seja um patamar a alcançarmos. A *economia geral* aqui é entendida como um horizonte inatingível, justamente por sua característica excessiva que ultrapassa os seres humanos.

O conceito de *economia geral* segue a mesma linha aporética do pensamento batailleano, visto que nem mesmo Bataille conceituou de maneira explícita e sistemática tal conceito. Mesmo assim, ela opera como um conceito fundamental em *A Parte Maldita*, e seu significado é capilarmente presente ao longo de toda a obra, essencial para compreendermos as relações entre as economias restritas e o dispêndio.

[...] o que a *economia geral* define, antes de tudo, é um caráter explosivo desse mundo, levado ao extremo da tensão explosiva no tempo presente. Sobre a vida humana pesa evidentemente uma maldição, na medida em que ela não tem força para entrar um movimento vertiginoso (Bataille, 2013a, p. 59).

A *economia geral* é marcada pelo signo do impossível, ubíquo no pensamento batailleano. Sua característica avassaladora, na qual o excesso responde à realização inútil do universo, é incompatível com a realidade humana – que persegue sua preservação no cosmos. Na perspectiva

humana, um abandono completo da utilidade e um mergulho total no abismo do excesso não são palatáveis.

As economias restritas se constituem a partir dessa inescapabilidade da mirada antropocêntrica. Elas são inevitavelmente trespassadas pelo excesso e, dentro de sua pequenez, realizam um manejo energético dessa exuberância que lhes toca. É a esse manejo e ao questionamento de nossas práticas e regime econômico-energético que nos dedicaremos agora, colocando em questão qual tipo de dispêndio conferimos primazia.

Uma questão que se coloca quando analisamos as relações entre *economia geral* e economias restritas é o fato de que “no problema geral sempre reaparece a essência da massa viva, que deve sem descanso destruir (consumir) um aumento de energia” (Bataille, 2013a, p. 160). O que implica pensar nessa primazia do luxo, na onipresença do excesso, na plena exuberância, levando em consideração o caráter excessivo da energia? O dispêndio – o gasto improdutivo – não seria apenas um artifício de acumulação de riquezas pelas classes dominantes? Ao dizer que a necessidade não é o problema fundamental, Bataille voluntariamente renegaria todos humanos e não-humanos, expropriados e marginalizados pela economia capitalista, como o que deve ser despêndido para possibilitar uma economia da exuberância?

É importante ressaltar que, para Bataille, a necessidade só existe em sistemas fechados. A *economia geral* tem como propósito pensar a movimentação da energia no globo, e a história da vida na terra é a de uma louca exuberância. Bataille compreende que “tudo é rico, estando na medida do universo” (Bataille, 2013a, p. 40). Deste modo, quem instaura e desenvolve a necessidade são justamente determinadas *economias restritas*, que lidariam com o excesso de uma maneira catastrófica.

A introdução escrita por Jean Piel para o livro *A Parte Maldita* corrobora com um entendimento mais preciso sobre essa peculiar relação entre o dispêndio e o surgimento da necessidade: “[...] é o uso feito do excedente <que é a causa das mudanças de estrutura>, ou seja, de toda a história das civilizações, à qual são consagrados três quartos dos capítulos de A parte maldita” (2013, p. 13).

Tendo em vista a importância dos usos feitos do excedente e suas implicações sociohistóricas, iremos realizar uma breve análise de como algumas economias restritas se relacionam com o horizonte da *economia geral*, investigando o manejo do excesso em suas respectivas dinâmicas.

Bataille iniciou uma empreitada como essa em *A Parte Maldita*, livro na qual dedica uma parte à introdução teórica e as outras partes às chamadas dados históricos (e dados presentes) em que seriam realizadas análises de conjuntos de fatos sociais

Seguindo a esteira batailleana – porém num escopo mais delimitado – buscamos entender os diferentes modos através dos quais as economias restritas podem lidar com o dispêndio de uma maneira menos catastrófica. Todavia, diferentemente da ambição de Bataille que passa tanto pela América pré-colombiana como pelo lamaísmo e a guerra fria, nos deteremos em um ponto mais definido: a crítica da economia decolonial ao capitalismo.

O grande projeto batailleano da *Parte Maldita* consistia em analisar diferentes tipos de sociedades e suas relações com o dispêndio, como as sociedades de consumação – em que Bataille analisa a prodigalidade e exuberância dos sacrifícios astecas e do potlatch –, sociedades de empreendimento militar e religioso – como o islã e o lamaísmo –, assim como a relação das sociedades industriais – como União Soviética e Estados Unidos – a partir de como elas lidam com o excesso.

Esse ensaio de economia elaborado por Bataille só teve um de seus tomos publicado durante sua vida: *A Parte Maldita*, no ano de 1949 (outros tomos sobre a história do erotismo e sobre a soberania foram publicados posteriormente nas edições de suas obras completas). A degradação de sua saúde foi um dos fatores decisivos para a incompletude de sua obra, que até hoje aponta para questionamentos que permanecem em aberto.

Todavia, não acreditamos que as indagações de Bataille tenham sido colocadas em busca de uma resposta estática e incontestável, mas sim

como um motor questionador que situa o pensamento em movimento, sinalizando imbrólios e suscitando saídas – gloriosas ou catastróficas.

É seguindo os passos de um ensaio de *economia geral* que pretendemos realizar uma sucinta análise do manejo energético no globo no momento em que nos encontramos: iremos chamar essa economia restrita de antropoceno^{XIX}. Partindo do legado da análise dos dados históricos que encontramos n'*A Parte Maldita*, tentamos esboçar uma análise que se aproxima mais do nosso tempo atual, propondo uma leitura heterodoxa que pretende perseguir as veredas da *economia geral*, pensando o excesso e a criação da falta no antropoceno.

Bataille termina seu ensaio de *economia geral* analisando o Plano Marshall a partir da sua perspectiva do uso do excedente como fundamental para as mudanças de estrutura, em que situa o plano Marshall como uma espécie de dádiva a ser ofertada à Europa pelos EUA no pós-guerra.

Thus Bataille himself was off the mark when he proposed the Marshall Plan as an example of twentieth-century potlatch: the problem was not so much that the Americans were 'giving' out of self-interest – ultimately the self always reappears as a limit, as an interdiction, to the continuity of blind communication – but that the gift-giving itself was inseparable from the maintenance of an energy regime

XIX Utilizamos o termo antropoceno pela sua ampla divulgação tanto em produções acadêmicas como na divulgação científica, tendo se tornado um tema comum em discussões das mais diversas áreas. O conceito de capitaloceno também poderia ser profícuo nessa análise, por seu enfoque no desenvolvimento do capitalismo como fator crucial na devastação ecológica, como uma época histórica marcada pela acumulação de capital e suas conseqüentes devastações.

based on stockpiling and quantification (a fossil fuel energy regime, in short) (Stoekl, 2007, p. 137)^{XX}.

Essa “dádiva” concedida pelos EUA reafirma uma concepção do dispêndio em que ele é tido como uma alimentação para a fornalha do capitalismo. Essa “dádiva” não propõe nenhuma mudança estrutural em relação ao uso do excedente pelo capitalismo, que se alastra desde a modernidade cooptando e engolindo outras economias restritas (como o que aconteceu no colonialismo, com a aniquilação de povos e culturas que possuíam outras organizações sociais e manejavam o excesso de maneiras completamente diferentes das assentadas pelos modernos) para a manutenção de sua supremacia.

O tipo de consumação do excedente que – ao invés de ser um puro dispêndio que escapa à apropriação pela utilidade – serve como retroalimentação de um sistema que é pautado na acumulação e na cooptação de tudo como forma mercadoria, não pode ser realmente entendido como dispêndio. O próprio Bataille já nos oferece outras possibilidades de elucubração do dispêndio:

No entanto, uma sociedade também pode ser levada ao consumo de todos os seus produtos. A partir de então, é preciso, de algum modo, destruir o excedente dos recursos de que ela dispõe. O ócio constitui o meio mais simples para isso. O ocioso não destrói menos plenamente do que o fogo os produtos necessários a sua subsistência [...] O ócio, a pirâmide ou o álcool têm sobre a atividade produtiva, a oficina ou o pão a vantagem de consumir sem contrapartida – sem lucro – os recursos que utilizam: eles simplesmente são *aprovados* por nós, correspondem à *escolha sem necessidade*

XX Assim, o próprio Bataille estava errado quando propôs o Plano Marshall como um exemplo de potlatch do século XX: o problema não era tanto que os americanos estivessem “dando” por interesse próprio - em última análise, o “eu” sempre reaparece como um limite, como uma interdição, para a continuidade da comunicação cega -, mas que a própria doação era inseparável da manutenção de um regime de energia baseado em estocagem e quantificação (um regime de energia de combustível fóssil, em suma) (tradução nossa).

que deles fazemos. Em uma sociedade cujas forças produtivas não aumentam – ou aumentam pouco –, essa aprovação, sob sua forma coletiva, determina o valor da riqueza e, desse modo, a natureza da economia (Bataille, 2013a, p. 116).

A economia restrita do antropoceno foi se constituindo através da colonização, com o desenvolvimento da modernidade e do capitalismo, dando origem a uma economia restrita que é pautada na acumulação – privada – e que restringe ao máximo a vazão do excesso. É um manejo energético que se pauta na expropriação ecossistêmica, utilizando a natureza – humana e inumana – enquanto recurso, numa espoliação à exaustão.

Esse processo que priva o excesso de seus desvios é repleto da visão moderna antropocêntrica que compreende o globo a nosso bel prazer, com todos os corpos à disposição. Ele traz a marca indelével do machismo, do racismo e de outras opressões que tornaram possível o capitalismo como tal. Além disso, ele acarreta uma mudança de paisagem e aniquilação de ecologias, culminando na mudança dos humanos de simples agentes biológicos para forças capazes de interferir na era geológica da Terra – o antropoceno.

Let me expand this theory further and suggest that today what we call the 'Anthropocene', too, can be accounted for in terms of restricted economy. The profane violence of the Anthropocene resonates with the restricted violence of reason, which excludes what it cannot convert into its object (the nonhuman) and thus produces an excess that returns as repressed, rebels as oppressed, or, in Bataille's terms, rises as the God of violence. The same can be said, more closely, about the Capitalocene, which Jason W. Moore defines as the 'historical era shaped by the endless accumulation of capital'. Finding economic reasons and excuses for the unprecedented violence toward living beings of all kinds, capitalism becomes a driving force of massive extinction. (...) The term 'Capitalocene' brings more concretism, as it perfectly reflects the direct correspondence between the modern restricted economy and the violence of the first type, with all

elements already presented with regard to human violence extended to nature (Timofeeva, 2022, p. 80)^{XXI}.

Entender o antropoceno enquanto uma economia restrita implica em pensar o uso do excedente que foi realizado pelo Ocidente moderno que originou tal economia restrita, e pensar se esse excesso energético foi dispendido de maneira gloriosa ou catastrófica.

Iremos centrar na importância que o colonialismo e o capitalismo tiveram (e têm) na instauração do antropoceno, para trazer uma perspectiva desse manejo catastrófico da energia pelo capitalismo através da perspectiva da ecologia decolonial.

Malcom Ferdinand realiza uma crítica às perspectivas do antropoceno e do capitaloceno por não enfatizarem um fator que considera fundamental para entendermos o novo regime climático e o processo de mudança de era geológica: o colonialismo. Para ele, é impossível pensar uma ecologia outra enquanto perpetuamos o modo de habitar colonial. Assim, ele se questiona se “[...] *la crise écologique et l’Anthropocène seraient-ils les nouvelles expressions du ‘fardeau de l’homme Blanc’ à sauver ‘l’Humanité’ d’elle-même? Fracture*” (Ferdinand, 2019, p. 26)^{XXII}.

O manejo da energia e da abundância natural pelos colonizadores será crucial para pensarmos como a espoliação das colônias foi – diferente-

XXI Deixe-me expandir ainda mais essa teoria e sugerir que hoje o que chamamos de “Antropoceno” também pode ser explicado em termos de economia restrita. A violência profana do Antropoceno ressoa com a violência restrita da razão, que exclui o que não pode ser convertido em seu objeto (o não humano) e, assim, produz um excesso que retorna como reprimido, se rebela como oprimido ou, nos termos de Bataille, surge como o Deus da violência. O mesmo pode ser dito, mais detalhadamente, sobre o Capitaloceno, que Jason W. Moore define como a “era histórica moldada pelo acúmulo interminável de capital”. Ao encontrar razões e desculpas econômicas para a violência sem precedentes contra seres vivos de todos os tipos, o capitalismo se torna uma força motriz da extinção em massa. [...] O termo ‘Capitaloceno’ traz mais concretismo, pois reflete perfeitamente a correspondência direta entre a economia moderna restrita e a violência do primeiro tipo, com todos os elementos já apresentados com relação à violência humana estendida à natureza (tradução nossa).

XXII “A crise ecológica e o Antropoceno poderiam ser as novas expressões do ‘fardo do homem branco’ para salvar a ‘Humanidade’ de si mesma? *Fratura*” (tradução nossa).

mente do habitual caráter decisivo das máquinas à vapor – o fator que iniciou o processo de destruição de ecologias que culminou na instauração da economia restrita do antropoceno.

[...] *les esclaves constituèrent une source énergétique fondamentale, équivalente aux énergies fossiles contemporaines. Le style de vie d'une minorité de la planète reposait sur l'exploitation dénoncée par Fanon de la "substance" de ces ventres vides, de la domination de ces "esclaves répartis sur le globe, dans les puits de pétrole du Moyen-Orient, les mines de Pérou ou du Congo, les plantations de l'Unitet Fruit ou de Firestone". Telle l'île de Trinidad passant des esclaves coloniaux au pétrole, les énergies fossiles seraient en quelque sorte les nouvelles énergies d'esclaves extraites par le 'labeur' des machines qui alimentent les économies du monde. Plus qu'un 'parasitisme humain' du maître-planteur envers l'hôte esclave, le Negrocène décrit une manière injuste d'habiter la Terre où une minorité s'abreuve de l'énergie vitale d'une majorité discriminée socialement et dominée politiquement. Telle l'autre face du Plantationocène, le Negrocène signale l'ère géologique où l'extension de l'habiter colonial et les destructions de l'environnement s'accompagnent de la production matérielle, sociale et politique de Nègres* (Ferdinand, 2019, p. 105)^{XXIII}.

XXIII Os escravos eram uma fonte fundamental de energia, equivalente aos combustíveis fósseis atuais. O estilo de vida de uma minoria do planeta era baseado na exploração denunciada por Fanon da “substância” dessas barrigas vazias, a dominação desses “escravos espalhados pelo globo, nos poços de petróleo do Oriente Médio, nas minas do Peru ou do Congo, nas plantações da Unitet Fruit ou da Firestone”. Assim como a ilha de Trindade, que passou de escravos coloniais a petróleo, os combustíveis fósseis são, de certa forma, as novas fontes de energia dos escravizados extraídos pelo “trabalho” das máquinas que alimentam as economias do mundo. Mais do que um “parasitismo humano” do mestre-proprietário em relação ao hospedeiro escravizado, Negroceno descreve uma forma injusta de habitar a Terra, em que uma minoria se vale da energia vital de uma maioria socialmente discriminada e politicamente dominada. Como o outro lado do Plantationoceno, o Negroceno sinaliza a era geológica em que a extensão da colonização e a destruição do meio ambiente são acompanhadas pela produção material, social e política dos negros (tradução nossa).

Ferdinand denuncia uma dupla fratura da modernidade, na qual ocorre uma separação entre questões ambientais e coloniais. Essa fratura se dá pela invisibilização dos processos de colonização e escravidão, levando fatidicamente ao retorno de uma ecologia colonial. Ele sustenta que, se não levamos essas questões em consideração, perpetuamos as opressões que elas carregam.

L'écologie décoloniale articule la confrontation des enjeux écologiques contemporains avec l'émancipation de la fracture coloniale, avec la sortie de la cale du navire négrier. L'urgence d'une lutte contre le réchauffement climatique et la pollution de la Terre est imbriquée dans l'urgence des luttes politiques, épistémiques, scientifiques, juridiques et philosophiques, visant à défaire les structures coloniales du vivre-ensemble et des manières d'habiter la Terre qui maintiennent les dominations de personnes racisées, et particulièrement les femmes, dans la cale de la modernité (Ferdinand, 2019, p. 32)^{XXIV}.

A proposta da ecologia decolonial é pensar outra gênese do problema ecológico, com enfoque nas rupturas de paisagem, de biodiversidade e metabólica que são ocasionadas pelo colonialismo – pela economia restrita do antropoceno. Essa relação de exploração acaba com as paisagens e instaura um desequilíbrio ao utilizar viventes e não-viventes como lenha para sua fornalha, como geradores de energia que retroalimentam o extrativismo europeu.

A crise ecológica desponta como manifestação da colonização do mundo vivido, onde os interesses financeiros usurpam a terra, perpetuando maneiras violentas e desiguais de habitar a terra. “*La colonisation européenne des Amériques n'est que l'autre nom de l'imposition d'une manière*

XXIV A ecologia decolonial articula o confronto das questões ecológicas contemporâneas com a emancipação da fratura colonial, com a saída do porão do navio negreiro. A necessidade urgente de combater o aquecimento global e a poluição da Terra está entrelaçada com a urgência das lutas políticas, epistêmicas, científicas, jurídicas e filosóficas para *desfazer* as estruturas coloniais de convivência e as formas de habitar a Terra que mantêm as dominações das pessoas racializadas, particularmente as mulheres, no porão da modernidade (tradução nossa).

singulière, violente et destructrice d’habiter la Terre” (Ferdinand, 2019, p. 67)^{XXV}.

Pensando em confluência com Ferdinand, entendemos que pensar uma ecologia que não é antiescravagista e anticolonial é persistir numa intenção desinteressada que corrobora como o modo de habitar colonial que perdura na economia restrita do antropoceno, que o capitalismo globaliza. O pensamento da ecologia decolonial inflama uma crítica às economias restritas predatórias que são pautadas na acumulação, que tornam tudo ao seu redor objetos à disposição, rechaçando o dispêndio improdutivo numa tentativa de domá-lo aos moldes do capitalismo.

Ao seguir o caminho batailleano do pensamento do excesso, no espírito de suas análises de economias restritas n’A *Parte Maldita*, encontramos na ecologia decolonial uma contundente crítica à economia restrita do antropoceno. Reiteramos a importância dessa crítica, pois a economia restrita do antropoceno sustentaria exatamente uma maneira catastrófica de lidar com o dispêndio. Ao privar o excesso de sua realização inútil e tentar de tudo se apropriar – colocando seres humanos e inumanos forçosamente a sua disposição – o regime capitalista infligiu enormes devastações no globo a partir de seu regime inescrupuloso de apropriação.

A criação da falta a partir desta economia restrita ocorre por uma apropriação da abundante energia do globo, em que os tentáculos do capitalismo subjugam e aniquilam outras economias e ecologias, tornando essa abundância concentrada e instaurando a falta e a necessidade no jogo energético do excesso. A *economia restrita* do antropoceno, através de sua constituição moderna através do capitalismo, se apropria da energia humana e não-humana para sua acumulação.

Deste modo, é impossível cogitar uma crítica à apropriação do dispêndio, que é apartado do excesso por economias restritas como o antropoceno, sem ter em mente as estruturas coloniais por trás delas – e

XXV “A colonização europeia das Américas é apenas outro nome para a imposição de um modo singular, violento e destrutivo de habitar a Terra” (tradução nossa).

como consequentemente elas levam a um colapso ecológico. A questão que se coloca é: como perpetuar uma maneira de habitar a terra que é a causa da catástrofe? E essa indagação nos leva à conclusão de que não pode haver permanência para o capitalismo.

O horizonte da *economia geral* é incompatível com a economia restrita do antropoceno: esta não dá vazão ao dispêndio e perpetua o modo colonial de habitar o mundo. A *economia geral* não pode ser colonial: a *economia geral* é o espaço da diferença, onde insurge o heterogêneo, enquanto a economia restrita do antropoceno dizimou essa diferença. A força de homogeneização impulsionada pelo capitalismo, com sua origem e perpetuação do colonialismo, não dá espaço aos diferentes tipos de manifestações do excesso: ele é restrito a um motor da economia de acumulação.

Partindo para uma conclusão que se constrói mais como abertura do que fechamento, colocamos nossa pretensão de pensar – juntamente a Ferdinand e Bataille – outros modos de habitar a Terra, com outro manejo do excesso. Foi precisamente a estrutura colonial a responsável pela organização energético-política que temos hoje com o capitalismo, que perpetuou a economia restrita do antropoceno que habita o globo de maneira catastrófica.

A ecologia decolonial pode nos apresentar uma visão outra, um deslocamento do uso energético do antropoceno, uma crítica à economia da acumulação e uma economia restrita mais afinada ao excesso por levar em consideração paisagens em que humanos e não-humanos não são entendidos enquanto motores da máquina do capital, mas ensaiam uma maneira de habitar a Terra conjuntamente.

Conclusão

Nosso trabalho teve como propósito explorar a especulação proposta por Bataille sobre o manejo energético global, trabalhando nas inter-

conexões entre *economia geral* e economias restritas à luz de “*A Parte Maldita*”. Influenciado pela termodinâmica e pelo conceito de excesso, Bataille delineou uma visão disruptiva que desafia interpretações científicas convencionais. Enquanto no seu surgimento a termodinâmica, por um lado, busca compreender e controlar a energia para uma utilização máxima do trabalho, por outro, ela terminou por revelar uma “parte maldita” de energia excedente que desafia essa lógica utilitária. Essa energia excedente reverbera tanto na natureza quanto nas ações humanas, como também no contexto do Antropoceno, em que a atividade humana se tornou uma força geológica dominante, transformando o planeta de maneiras profundas e *perspectivamente* destrutivas.

Através do prisma da ecologia decolonial, propomos uma maneira alternativa para lidar com o dispêndio de energia, uma não sujeita à lógica utilitária do capitalismo. Encontramos na ecologia decolonial uma visão menos predatória da relação entre humanos e natureza, que oferece uma possibilidade de vazão do excesso que combate o modo colonial de habitar o mundo. A ecologia decolonial implica uma crítica à lógica capitalista que subjuga a natureza aos imperativos da produção e do lucro, propondo, em vez disso, uma abordagem que reconhece e celebra o dispêndio improdutivo como uma forma de resistência à dominação capitalista.

Por mais que uma conclusão esteja distante da proposta do pensamento batailleano, nos fiamos à proposta especulativa que entende a relação do uso do excedente com a sobrevivência das sociedades, levando em conta que, no olhar batailleano, a vida só tem sentido em relação ao dispêndio.

[...] é também da escolha – que os homens de hoje farão – quanto ao modo de despender o inelutável excedente que depende seu futuro. Continuarão eles a ‘suportar’ o que poderiam ‘operar’, ou seja, deixar o excedente provocar explosões cada vez mais catastróficas em vez de ‘consumi-lo’ voluntariamente, de destruí-lo conscientemente pelos meios que pudessem escolher e ‘aceitar’? (Piel, 2013a, p. 14).

REFERÊNCIAS

- AMBROSINO, G. Bataille, G. *L'expérience à l'épreuve: Correspondance et inédits*. Meurcourt: Éditions les cahiers, 2018.
- BATAILLE, G. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1954.
- BATAILLE, G. *Théorie de la religion*. Paris: Gallimard, 1973.
- BATAILLE, G. *Œuvres Complètes: vol I, II, V, VI, VII*. Paris: Gallimard, ANO.
- BATAILLE, G. *A Parte Maldita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.
- BATAILLE, G. *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.
- BATAILLE, G. *Documents*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.
- BATAILLE, G. *A Pura Felicidade: ensaios sobre o impossível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.
- CAILLOIS, R. *L'Homme et le sacré*. Paris: Gallimard, 1950.
- DE BARROS FONSECA, Bárbara. A maldição do dispêndio: Bataille e as economias restritas. *Das Questões*, v. 17, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/51458>. Acesso em: 2 maio 2024. DOI: <https://doi.org/10.26512/dasquestoes.v17i1.51458>.
- DERRIDA, J. *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, G. *A semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- FERDINAND, M. *Une écologie décoloniale: penser l'écologie depuis le monde caribéen*. Lonray: Éditions du Seuil, 2019.
- GEORGESCU-ROEGEN, N. *O decrescimento: entropia, ecologia, economia*. São Paulo: Editora SENAC, 2012.
- HAMANO, K. *Georges Bataille ; la perte, le don et l'écriture*. Dijon: Éditions universitaires de Dijon, 2004.
- LIMOUSIN, C. (Org). *La Part Maudite de Georges Bataille – la dépense et l'excès*. Paris: Classiques Garnier, 2015.
- MAUSS, M; HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005
- MONG-HY, C. *Bataille cosmique – Georges Bataille: du système de la nature à la nature de la culture*. Paris: Nouvelles éditions ligne, 2012.

MONG-HY, C. *Le monde et Bataille: études textuelles, contextuelles et prospectives*. Thèse, 2010.

MOORE, J (Org). *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History and the Crisis of Capitalism*. Oakland: PM Press, 2016.

PIEL, J. Apresentação: Bataille e o mundo. In: BATTAILE, G. *A parte maldita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a, pp.

PRIGOGINE, I; STENGERS, I. *A nova aliança – A metamorfose da ciência*: Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984

SASSO, R. *Georges Bataille: le système du non-savoir - Une ontologie du jeu*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978.

STOEKL, A. *Bataille's Peak – Energy, Religion and Postsustainability*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

SURYA, M. *Georges Bataille, la mort à l'oeuvre*. Paris: Gallimard, 2012

TIMOFEEVA, O. *Solar Politics*. Cambridge: Polity Press, 2022

VIVEIROS DE CASTRO, E; SALDANHA, R; DANOWSKI, D. (Org). *Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra*. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022.

Recebido em 09 de fevereiro de 2024
Aprovado em 08 de maio de 2024
Publicado em 26 de novembro de 2024